

FONTE : FSP

CLASS. :

354

DATA : 7 09 87

PG. :

A-3

A novela do "Estadão"

SYLVIA CAIUBY NOVAES

S abem bem os antropólogos que a acusação é uma estratégia mais ou menos consciente de manipular poder e organizar emoções, delimitando fronteiras. Quando a acusação é promovida por um órgão de grande penetração, como um jornal da imprensa diária de uma capital como São Paulo, convém investigar quem são os personagens envolvidos e que fronteiras se pretende traçar com tais acusações.

O caso de que vamos tratar — a série de matérias que o jornal "O Estado de S. Paulo" publicou contra o Cimi — merece análise mais cuidadosa, pois estas acusações são referidas como denúncia e, para o leitor, elas assumem a dimensão da novela.

Uma denúncia implica, necessariamente, a revelação pública de fatos que devem ser fartamente evidenciados (o que não ocorreu). Já a novela é um gênero que trata de fatos humanos fictícios verossímeis, que se assemelham ao real, mas não se confundem com ele.

O primeiro capítulo desta novela foi ao ar no dia 9 de agosto e o título da manchete na primeira página anunciava um tema que deveria mobilizar toda a nação ameaçada: "A conspiração contra o Brasil". O final da primeira página desta mesma edição anunciava as cenas empolgantes com que seríamos brindados nos próximos capítulos: "O Estado denuncia a grande conspiração baseado em documentos fidedignos".

Quem são os personagens desta "conspiração" que mereceram do segundo jornal de São Paulo seis dias seguidos de manchetes de primeira página (de 9 a 15 de agosto), com editoriais e mais de dezoito páginas inteiramente dedicadas ao assunto?

Como nas novelas que seguem o gênero folhetinesco o maniqueísmo é aqui elemento fundamental. Os grandes vilões são os missionários do Cimi (Conselho Indigenista Missionário), órgão vinculado à CNBB e que encaminhou à ANC emendas propondo que o Brasil seja reconhecido como um Estado pluriétnico e que se demarquem as terras indígenas, garantindo aos índios o usufruto das riquezas nelas existentes.

Os "missionários vilões" são, pelo jornal, vistos como os grandes artífices de uma trama internacional cujo objetivo máximo é a internacionalização da Amazônia.

Estes missionários, verdadeiros traidores da pátria na ótica do jornal, seriam os agentes representantes do Conselho Mundial das Igrejas Cristãs. O elenco internacional é grandioso. Além dos missionários — cuja nacionalidade estrangeira é sempre mencionada —, e do CMIC, a novela conta com 46 mil jovens austríacos, que encaminharam ao Congresso uma moção solicitando que sejam respeitados os direitos indígenas no país.

Personagens importantes da novela são também os índios (as matérias são acompanhadas de diversas fotos) apresentados como "inocentes úteis", verdadeiras "massas de manobra" para os interesses internacionais.

Por trás de uma suposta pregação evangélica junto aos índios estaria o grande objetivo da ação missionária no Brasil: a busca do ouro e de outros minérios ainda não explorados no subsolo indígena. Até o mapa do tesouro (veja só) estes missionários tinham em mãos (lá na USP há outros iguais).

Já ouvimos esta história antes.

Basta que nos lembremos da relação Estado/Igreja nos primeiros séculos da colonização.

Sabemos que os primeiros missionários chegaram ao Brasil em 1549, com o governo de Tomé de Souza. O objetivo da vinda dos padres da Cia. de Jesus era viabilizar a cooperação entre índios e portugueses, através da instrução e catequese do gentio. Neste sentido a aliança com a Igreja era fundamental para que se pudesse levar adiante a colonização, que não conseguira o êxito desejado com o sistema de capitânicas hereditárias.

Intermediários nas relações entre colonos e índios os jesuítas se posicionaram contra os interesses dos colonos — dispor das terras indígenas —, transformá-los em escravos e fazer uso das mulheres índias.

Certamente, como mostrou Florestan Fernandes, a atividade jesuítica contribuiu, tanto quanto a colonização leiga, para destruir as bases da autonomia tribal e reduzir as populações nativas à dominação do branco.

Mas, ainda assim, os grupos indígenas que permaneceram nas missões conseguiram, por muito tempo, colocar-se a salvo da ação dos colonos. As chamadas "guerras justas", só poderiam ser, até meados do século 17, empreendidas contra os "índios pagãos", fato que vinha a reforçar a ação catequética.

Mas, em meados do século 18 os jesuítas já haviam, aos olhos da coroa portuguesa, desempenhado o seu papel como agentes da colonização e agora eram vistos como obstáculos para estes mesmos propósitos. O pacto Estado/Igreja já não satisfazia os interesses expansionistas e Portugal não mais podia admitir o privilégio legal que tinham os jesuítas para o trato com os índios.

Em 1760, quando se dá a questão da demarcação dos limites das terras pertencentes a portuguesas e espanhóis (Tratado de Madri, 1750) Pomal se decide pela expulsão dos jesuítas. O argumento oficial era que os jesuítas estavam insuflando a resistência indígena que impedia a transferência de Sete Povos das Missões para o domínio português.

Qualquer semelhança com a novela a que assistimos hoje não é mera coincidência. A ação missionária junto aos índios só é aceita pelo Estado se se submete aos seus interesses expansionistas.

Todos os erros e desacertos da ação missionária são ignorados pelo Estado. Mas quando os missionários resolvem se posicionar em termos de uma legítima defesa dos interesses indígenas, como é o caso da emenda encaminhada pelo Cimi, são ameaçados com a expulsão do país.

Se antes a esquerda gritava "yankees go home", hoje são os setores mais reacionários, interessados em dispor livremente do solo e do subsolo indígena que levantam a bandeira contra os padres estrangeiros. O pretexto é impedir que os índios sirvam de obstáculo ao "desenvolvimento" do país. Mas seria bom perguntar, desenvolvimento para quem? A que preço?

Padres e índios já foram personagens de novelas. Talvez o "Estadão" esteja querendo mudar de ramo, passando da notícia à ficção. Já contataram inclusive um obscuro antropólogo venezuelano para escrever os roteiros. Aguardemos os próximos capítulos.